



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Tecendo diálogos, partilhando saberes: um relato sobre encontros formativos dialógicos inspirados nos círculos de cultura freireanos

Flaviane Anchieta¹

Nátia Vargas²

Viviane Maciel Machado Mauren³

Resumo

Este relato de experiência apresenta um processo formativo vivido com professoras dos Anos Iniciais da Educação Básica em uma escola pública de Alvorada/RS, no contexto de uma pesquisa qualitativa crítica. Inspirado na pedagogia freireana e fundamentado na metodologia da sistematização de experiências proposta por Oscar Jara, o percurso investigativo buscou compreender e potencializar sentidos formativos a partir da escuta sensível das professoras participantes. Os Encontros Formativos Dialógicos, desenvolvidos com base nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, foram organizados como espaços de diálogo, partilha e reflexão coletiva sobre o cotidiano docente. A partir de temas geradores emergentes, como o acolhimento, a sobrecarga burocrática, o esvaziamento da formação tradicional e as práticas de resistência criativa, o texto propõe uma reflexão sobre a formação como ato político e humanizador. A experiência evidenciou que a formação crítica se realiza na partilha, na escuta e na construção coletiva, reafirmando a educação como prática de liberdade, esperança e transformação.

Palavras-chave: Formação Permanente; Encontro Formativos Dialógicos; Círculo de Cultura; Dialogicidade.

Weaving Dialogues, Sharing Knowledge: A Report on Dialogical Formative Meetings Inspired by Freirean Culture Circles

Abstract

This experience report presents a formative process carried out with early years teachers from a public elementary school in Alvorada, RS, within the framework of a critical qualitative research. Inspired by Freirean pedagogy and grounded in the methodology of systematization of experiences proposed by Oscar Jara, the investigative path aimed to understand and enhance formative meanings through the sensitive listening of the participating teachers. The Dialogical Formative Meetings, developed based on Paulo Freire's Culture Circles,

¹Mestranda, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, flaviane-anchieta@uergs.edu.br

²Mestranda, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, natia-vargas@uergs.edu.br

³Doutora, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, viviane-mauren@uergs.edu.br.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



were organized as spaces for dialogue, sharing, and collective reflection on everyday teaching practices. From emergent generative themes — such as care and welcome, bureaucratic overload, the emptiness of traditional training, and creative resistance practices — this text proposes a reflection on teacher education as a political and humanizing act. The experience demonstrated that critical formation is realized through sharing, attentive listening, and collective construction, reaffirming education as a practice of freedom, hope, and transformation.

Keywords: Continuing Education; Dialogical Formative Meetings; Culture Circle; Dialogicity.

1 Introdução

Antes de tudo, este não é apenas um relato sobre um projeto de formação. É a história de encontros entre professoras, de palavras que ecoaram das salas de aula para o Círculo, de saberes tecidos com afeto, crítica e desejo de mudança. Inspirado na metodologia dos Círculos de Cultura, o processo formativo foi construído junto a professoras dos Anos Iniciais de uma escola pública do município de Alvorada/RS, que aceitaram o convite para pensar suas práticas, suas dores e seus sonhos em roda — como um ato pedagógico e político de resistência.

Mais do que transmitir conteúdos ou cumprir uma agenda técnica, cada encontro foi marcado por uma escuta ativa e comprometida, por diálogos que acolheram a experiência como fonte legítima de saber e por um clima de confiança que permitiu à palavra circular com liberdade. A cada roda de conversa, emergiram os chamados *temas geradores* — expressões vivas do que se sente, se pensa e se espera da docência. Como afirma Freire (1987), “a temática significativa, ou os temas geradores, são os elementos fundamentais para o processo educativo libertador, porque nascem da realidade concreta dos sujeitos e devolvem a ela um novo sentido”. Foi a partir desses temas que se delineou um processo formativo verdadeiramente emancipador.

Nessa perspectiva, o Círculo de Cultura não foi apenas uma estratégia metodológica, mas um espaço de escuta, de reflexão e de acolhimento dos saberes docentes. A experiência permitiu reconhecer a formação como parte da luta cotidiana por reconhecimento, por condições dignas de trabalho e por práticas mais humanizadas. Como destaca Freire (1996), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si,



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



mediatizados pelo mundo” (p. 68). Assim, os encontros se tornaram espaço de resistência, pertencimento e criação coletiva.

Este relato se propõe a compartilhar os principais temas que emergiram dessas vivências, organizando-os não em ordem cronológica, mas em torno das inquietações coletivas que atravessaram as falas, os gestos e os silêncios das professoras. Porque é na escuta e na partilha que se constrói um novo modo de formar-se: com o outro, para o outro e pelo bem comum.

2. Encontros formativos dialógicos

A noção de *Encontro Formativo Dialógico (EFD)* guarda estreita relação com os Círculos de Cultura propostos por Paulo Freire, pois ambos se fundamentam na força do diálogo como prática libertadora. Inspirada nessa perspectiva, a proposta de formação permanente aqui apresentada concebe o espaço educativo como um território de escuta, trocas significativas e construção coletiva do saber. Nesses encontros, todos os participantes são reconhecidos como sujeitos do processo formativo, superando a divisão tradicional entre quem ensina e quem aprende. Como afirma Freire (2024a):

Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza (p. 115).

Mais do que um momento de repasse de conteúdos, esses encontros se configuram como experiências formativas nas quais o conhecimento é produzido a partir da reflexão crítica sobre a realidade vivida. Através de um diálogo autêntico, a prática pedagógica assume um caráter transformador, conectando-se à proposta freireana de educação como um caminho de emancipação, fundado na práxis e na participação ativa de todos. Um ambientes em que as dinâmicas formativas são concebidos com intencionalidade, a fim de favorecer a troca de saberes em uma perspectiva horizontal e promover reflexões críticas entre os envolvidos.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Nesse sentido, pensar os Encontros Formativos Dialógicos também como práticas de desenvolvimento regional é reconhecer que a formação docente está enraizada em contextos históricos, culturais e territoriais específicos, pois o desenvolvimento de qualquer comunidade precisa passar pela prática docente no contexto educacional. De acordo com Freire (2024b):

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isso não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles. (p.66)

Ao refletirem criticamente sobre sua realidade, os sujeitos reconhecem que o mundo em que vivem não é algo dado, fixo ou imutável, mas sim uma construção histórica e cultural, portanto, passível de transformação. Essa tomada de consciência crítica representa um ponto de virada: mesmo que a estrutura social ou econômica ainda não tenha se alterado, a percepção transformada dos sujeitos sobre sua realidade abre caminhos para a ação transformadora.

Assim como Freire (2024) aponta que a mudança começa com a percepção crítica da realidade, o desenvolvimento regional sustentável e justo só é possível quando as populações envolvidas compreendem que a realidade socioeconômica de seu território é resultado de processos históricos que podem ser modificados a partir de sua ação coletiva. Desse modo, a educação e o desenvolvimento caminham juntos como processos de libertação e transformação, que partem do local, mas que dialogam com o global de forma crítica e comprometida com a equidade.

3. O acolhimento como ato pedagógico e político

Essa fala, espontânea e comovente, expressa algo profundo: a ausência histórica de espaços formativos que verdadeiramente acolham o sujeito docente em sua inteireza. O acolhimento, que para muitos pode parecer um gesto simples, emergiu nos encontros como



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



uma ruptura com a lógica habitual das formações voltadas apenas à transmissão de conteúdos ou ao cumprimento de metas burocráticas. Aqui, o acolhimento foi um ponto de partida ético, estético e político.

No primeiro Encontro Formativo Dialógico, o cuidado com o espaço, os detalhes pensados para receber as professoras com afeto e o convite à escuta ativa criaram um ambiente de confiança e pertencimento. A horizontalidade nas falas, a ausência de julgamentos ou avaliações e o respeito aos tempos e modos de expressão das participantes contribuíram para o fortalecimento dos laços entre elas. Como afirmou outra educadora: *“Hoje eu senti que minha fala não era só ouvida — era considerada. Isso faz a gente querer continuar vindo”*.

A escuta, nesse contexto, não foi entendida como técnica ou estratégia pedagógica, mas como atitude ética e política de reconhecimento do outro como sujeito de saber e de história. Nas palavras de Paulo Freire (1996), “a escuta verdadeira implica o acolhimento respeitoso do outro, sua valorização e consideração como alguém que tem algo a dizer” (p. 115). Escutar, portanto, é também um modo de resistir ao silenciamento institucionalizado que tantas vezes marca a trajetória docente.

Ao partilharem suas histórias, as professoras resgataram o sentido de pertencer não só à escola, mas a uma rede de apoio e construção coletiva. Como afirma Nóvoa (1999), “é no espaço de encontro e reconhecimento entre os professores que se produz o verdadeiro desenvolvimento profissional” (p. 27). A formação, então, passa a ser vivida como um tempo-espaço de reafirmação identitária e de reencontro com o propósito de ensinar.

O acolhimento, nesse cenário, configura-se como uma condição necessária à formação emancipadora. Ele inaugura o campo da confiança mútua, condição essencial para o diálogo autêntico. Como propõe Freire (1987), *“ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”* (p. 58). E é dessa comunhão, possibilitada pelo acolhimento, que nascem as transformações mais profundas.

4. O peso da burocracia e a leveza da partilha



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



Durante um dos Encontros Formativos Dialógicos, o tema do tempo e do espaço da docência emergiu com força e indignação. As professoras compartilharam o esgotamento cotidiano diante das inúmeras exigências burocráticas e das reuniões pedagógicas que, segundo elas, frequentemente deixam de ser espaços de diálogo e construção para se tornarem meros repasses de informações. Uma fala ressoou com intensidade entre o grupo: “A gente se perde com muita coisa burocrática. Avisos, recados, reuniões que poderiam ser mais objetivas. O tempo de troca real, de planejamento conjunto, acaba ficando de lado”.

Essa afirmação traduz o sentimento de fragmentação vivido por muitos educadores, cuja rotina é atravessada por obrigações administrativas que obscurecem a dimensão formativa e reflexiva do trabalho pedagógico. A escola, que deveria ser espaço privilegiado para a construção coletiva do conhecimento, muitas vezes se converte em um território de pressa e silenciamento.

Paulo Freire (1996) alerta para os perigos de uma educação que separa teoria da prática e ignora a dimensão existencial dos sujeitos. Para ele, o tempo formativo precisa ser um tempo vivido, experienciado com sentido, no qual os educadores possam refletir criticamente sobre sua ação no mundo. Isso implica criar espaços — como o Círculo de Cultura — que escapem da lógica da produtividade e da normalização, possibilitando a reinvenção da prática e o fortalecimento da identidade docente.

No contexto dos encontros realizados, o Círculo de Cultura se revelou como um “tempo outro”: não determinado por pautas oficiais ou metas externas, mas organizado em torno da escuta mútua, do afeto, da partilha e da reconstrução simbólica do ser professora. Como disse uma participante: “Aqui, pela primeira vez em muito tempo, eu consegui parar para pensar no que eu faço, no que eu sou enquanto professora”.

Essa possibilidade de reflexão, rara no cotidiano escolar acelerado, recupera o sentido político e pedagógico da formação permanente. Para Nóvoa (2017), *é necessário “criar tempo para pensar”, porque o ato de ensinar exige a construção de um saber que não é apenas técnico, mas ético, histórico e social*. A formação, nesse sentido, não pode ser um apêndice da rotina docente, mas parte constitutiva dela.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



O protagonismo das professoras, então, emergiu das frestas: da escuta sincera, do compartilhamento das dores, das reflexões profundas sobre o fazer pedagógico. Em contextos marcados por normativas rígidas, avaliações padronizadas e práticas desumanizantes, resistir com palavras, afetos e presença torna-se um ato político. Como sugere Arroyo (2023, p. 142), “faltam-nos a cultura da transgressão, que é um componente básico da cultura profissional”. Essa provocação nos convida a pensar a formação docente não apenas como espaço de adequação, mas como campo fértil para a ruptura criativa, para o questionamento dos modelos impostos e para a construção de outras possibilidades pedagógicas.

Transgredir, nesse sentido, não é desobedecer por desobediência, mas é recusar o silêncio imposto, o conformismo institucional e a invisibilização das subjetividades docentes. É afirmar a legitimidade da experiência como fonte de saber, é valorizar o que pulsa nos corredores, nas salas, nos recreios — e que tantas vezes é ignorado pelos modelos oficiais de formação. Como destaca Arroyo (2006), “há uma força resistente nos gestos cotidianos dos professores e professoras, que persistem em educar mesmo quando as condições lhes são adversas”. Essa força se manifesta quando há espaço para dizer, para sentir e para sonhar coletivamente.

No contexto dos Encontros Formativos Dialógicos, a transgressão se deu no gesto de parar, de escutar com profundidade, de construir sentido juntas. O Círculo de Cultura, ao suspender as hierarquias e abrir-se à escuta das experiências, permitiu que as educadoras se vissem como autoras de sua própria formação — não como receptoras de conteúdos prontos, mas como tecelãs de saberes. Nesse movimento, o protagonismo não foi dado, mas conquistado, afirmado em cada partilha, em cada desabafo, em cada riso que rompeu o cansaço cotidiano.

Ao romper com a estrutura tradicional e verticalizada dos encontros formativos, o Círculo tornou-se um “respiro” — um lugar de ressignificação. Um espaço em que o tempo se desamarra do produtivismo e se reconecta com o sentido profundo da docência como prática social, ética e transformadora.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



5. Formação com sentido: entre rupturas e permanências

A formação permanente foi um dos temas que mais mobilizou reflexões críticas ao longo do processo formativo vivido com as professoras dos Anos Iniciais. As falas evidenciaram o cansaço diante de propostas de formação desconectadas da realidade da escola e de suas necessidades cotidianas. “A gente fala tanto sobre integração, sobre trabalhar de forma mais contínua, e no fim, tudo acaba desarticulado”, disse uma das participantes. Essa fala não apenas revela o desalento, mas também a lucidez de quem compreende que há uma distância dolorosa entre o discurso institucional e as práticas concretas de formação oferecidas aos professores.

O que essas professoras expressam, na prática, é o que muitos autores vêm denunciando: a fragilidade de políticas de formação que, ao se descolarem do chão da escola, tornam-se inócuas ou mesmo contraproducentes. As formações são, muitas vezes, oferecidas de forma fragmentada, com conteúdos generalistas, descolados das vivências concretas dos docentes. Como afirma Gatti (2013):

A formação para a profissão de professor precisa ter como eixo uma relação efetiva entre teorias e práticas educacionais (...) No entanto, pesquisas realizadas no Brasil sobre o currículo efetivamente desenvolvido nas instituições formadoras de docentes, na maioria das vezes, não evidenciam a concretização desta relação nem mesmo nas propostas de estágio. (p.95-96)

Paulo Freire (2023) já nos alertava sobre o risco de uma educação que não dialoga com o contexto real dos educandos e educadores, chamando a atenção para a necessidade de partir da realidade como ponto de partida e de chegada da prática educativa. Como afirma o autor: *“Ao saber teórico desta influência teríamos que juntar o saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham. Já sei, não há dúvida, que as condições materiais em que e sob que vivem os educandos lhes condicionam a compreensão de mundo, sua capacidade de aprender, de responder a desafios. Preciso agora saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica”* (FREIRE, 2023, p. 134). Nesse sentido, a formação permanente que se pretende



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



transformadora não pode ser imposta, mas sim construída em diálogo com os sujeitos que dela participam, respeitando seus tempos, suas experiências e seus territórios.

Nos encontros, o Círculo de Cultura possibilitou exatamente esse outro tempo: um tempo da escuta, da partilha, do respiro. Ao contrário da lógica produtivista que atravessa o cotidiano docente, naquele espaço as professoras puderam parar, refletir, significar. Como afirmou uma delas: “Aqui parece que a gente respira... porque não é só tarefa, é troca”. Essa percepção indica que o espaço formativo precisa ser também um espaço de cuidado, onde seja possível cultivar vínculos, reconhecer fragilidades e reafirmar potências.

Mais do que transmitir conteúdos, a formação precisa provocar perguntas. Ela deve ser instigadora de consciência crítica, e não mera repetição de orientações técnicas. Por isso, os Círculos de Cultura foram mobilizados como possibilidade de criação de um território formativo horizontal, no qual as educadoras pudessem narrar suas histórias, expor suas angústias e sonhar coletivamente outras formas de existir na profissão. Como nos lembra Imbernón (2009), “formar-se é mais do que adquirir competências; é construir sentidos para a profissão, em permanente diálogo com o mundo”.

As falas das professoras, ao denunciarem a sobrecarga, a burocratização e a desarticulação dos processos formativos tradicionais, também anunciavam outra possibilidade de formação: aquela que respeita os sujeitos e reconhece os saberes da experiência. Ao vivenciarem encontros pautados na escuta sensível e no diálogo, foi possível resgatar o sentimento de pertencimento, muitas vezes apagado em meio à rotina exaustiva da escola.

Nesse sentido, falar de uma formação com sentido é falar também de uma formação que se inscreve na luta por dignidade docente. É reconhecer que o desenvolvimento profissional não pode estar desvinculado das condições de trabalho, das relações institucionais e do direito à voz. Como afirma Nóvoa (2009), “é preciso devolver aos professores a palavra sobre sua profissão”. E, nesse processo, o Círculo de Cultura se mostrou um dispositivo potente: não para oferecer respostas prontas, mas para fomentar perguntas urgentes, para ampliar escutas e para fortalecer a coletividade.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



6. Cartografias da resistência: saberes que esperançam

Ao final do percurso formativo, os saberes partilhados foram retomados com emoção, crítica e desejo de continuidade. Foi nesse momento que emergiram as *cartografias da resistência*: mapas afetivos e pedagógicos traçados a partir das práticas, sonhos e estratégias de enfrentamento das educadoras. Um desabafo potente ecoou entre todas: “Tu tens tua metodologia, teu jeito de trabalhar, mas acaba tendo que seguir uma cartilha. Porque tem que nivelar todo mundo”. A fala denuncia as pressões uniformizadoras que minam a autonomia docente e os processos criativos, ao mesmo tempo em que reafirma o desejo de manter vivo o que é singular, o que pulsa da experiência.

Essa denúncia, longe de ser um simples lamento, é uma afirmação política. Como lembra Freire (1997), *esperançar* é ato de coragem, de se posicionar diante do mundo com o desejo de transformá-lo. Quando as professoras reivindicam sua autoria pedagógica, elas estão afirmando que educar não é seguir prescrições, mas criar possibilidades. O gesto de resistir à cartilha imposta é, também, um gesto de criação — de fazer da experiência um lugar legítimo de saber e de reinvenção.

Esse processo de escuta e criação revelou uma docência que resiste, mesmo quando silenciada por normativas e pressões externas. Como afirma Arroyo (2013), a formação se dá “na travessia das dores e das esperanças, na luta cotidiana por reconhecimento e sentido, no esforço de não sucumbir ao desânimo”. É no embate com as exigências padronizadas, com os currículos impostos e com os tempos cronometrados da escola que emergem práticas de resistência e reinvenção que escapam aos manuais e às metas institucionais.

O *Círculo de Cultura*, nesse cenário, tornou-se um território de esperança ativa, não aquela ingênua, mas aquela que se faz luta, que insiste em acreditar que a escola ainda pode ser espaço de transformação. Um território de palavra viva, de escuta sensível e de construção coletiva — aquilo que Freire (1987) chamaria de “comunhão crítica” entre sujeitos históricos. Ali, a formação não se deu de cima para baixo, mas em roda, em um entrelaçar de vozes que reconheceram a potência do comum, do compartilhado e do vivido.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Ao reconhecerem o Círculo como um espaço legítimo de formação, as professoras afirmaram a necessidade de continuidade desses momentos — não como exceção, mas como parte orgânica do cotidiano escolar. Foram elas que nomearam a importância de “espaços de troca”, de “formações em que a gente possa falar de verdade”, de “momentos que não sejam só para cumprir horas, mas para fortalecer a gente enquanto professora”. Esses desejos revelam uma concepção de formação que rompe com a lógica do acúmulo de conteúdos e se ancora na construção de vínculos, sentidos e compromissos.

Essa resistência cotidiana, tecida nos gestos, nos silêncios e nas palavras partilhadas, dá forma a uma *pedagogia da esperança* (FREIRE, 1997), que reconhece a importância de cada educador como sujeito histórico, criador e potente. Os saberes que emergem desse processo não cabem em cartilhas, mas se espalham nas entrelinhas do trabalho docente: no cuidado com os alunos, na escuta entre colegas, na coragem de reinventar a prática todos os dias.

Como afirma Nóvoa (1992), *“ninguém se forma sozinho, ninguém se forma para si mesmo, nos formamos em comunhão, no contexto de práticas e interações”*. A formação permanente, nesse sentido, é também um processo de fortalecimento coletivo, um movimento de resistência contra o isolamento e a fragmentação. Os Círculos de Cultura, ao abrirem espaço para a palavra compartilhada, para a denúncia e para o anúncio, tornaram-se práticas de liberdade — no dizer, no ouvir, no criar e no esperar.

7. Considerações finais: formação como ato de amor e coragem

A experiência dos Encontros Formativos Dialógicos revelou que a formação permanente pode — e deve — ser um movimento de humanização, de escuta e de construção de sentido. Inspirados por Freire (1996), compreendemos que formar-se não é um ato isolado, técnico ou mecânico, mas uma experiência ética, estética e política. É assumir-se como sujeito histórico, inacabado, em constante reinvenção com os outros, a partir de uma prática que dialoga com a vida e com os desafios concretos da escola.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Neste processo, a escuta aparece como fundamento da formação crítica e emancipadora. Escutar o outro, como propõe Freire (1987), é reconhecer sua humanidade, seus saberes e suas possibilidades. Não se trata de ouvir passivamente, mas de acolher a palavra do outro como experiência legítima e transformadora. Escutar, nesse sentido, é também resistir à lógica dominante da formação padronizada, verticalizada e descontextualizada que tanto silencia os sujeitos docentes.

As professoras que participaram dos encontros mostraram, com suas palavras e gestos, que há um saber encarnado em suas práticas, um saber tecido no cotidiano escolar, no enfrentamento da precariedade, nas decisões éticas do dia a dia, nas invenções que ocorrem “apesar de”. Como aponta Tardif (2014a), os saberes docentes são construídos na confluência entre formação inicial, experiência profissional e vida pessoal — são saberes da prática, inseparáveis das condições concretas em que são produzidos.

Nesse contexto, a formação permanente que se pretende transformadora precisa ir além da mera atualização técnica ou do cumprimento de exigências burocráticas. Ela deve ser um espaço-tempo de escuta, de afeto, de crítica e de reinvenção coletiva. Como afirma Imbernón (2010), formar-se é construir sentido no fazer educativo, é aprender com a experiência vivida, é compartilhar e refletir a prática com outros sujeitos que enfrentam os mesmos dilemas.

Reconhecer que *cada professora carrega em si um saber que precisa ser dito, ouvido e valorizado* é, portanto, um gesto político. É recusar a lógica do déficit, que insiste em ver o professor como alguém “em falta”, “em carência”, e afirmar que a formação precisa partir do que já existe — dos saberes tecidos nas salas de aula, nos corredores, nas pausas para o café. Como destaca Josso (2004), toda experiência vivida traz em si um saber em potência, que precisa ser narrado, reconhecido e sistematizado para que se converta em conhecimento e consciência.

O Círculo de Cultura, enquanto espaço formativo, possibilitou a emergência dessa escuta ativa e sensível. Por meio dele, foi possível deslocar a formação de um lugar de controle para um espaço de encontro; de um tempo de vigilância para um tempo de criação. Como ensina Freire (1997), é no ato de esperar — de agir com esperança — que a



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



transformação se torna possível. Esperançar, aqui, não é aguardar, mas mover-se coletivamente em direção a uma escola que acolha, que escute e que se comprometa com a dignidade de ensinar e aprender.

Este relato não encerra a experiência, mas a prolonga. É um gesto de devolutiva às professoras que, com coragem e generosidade, compartilharam suas histórias. Um gesto que, mais do que registrar, deseja ecoar. Que ele inspire outras escolas, outras pesquisadoras, outros encontros. Que as palavras aqui compartilhadas sigam circulando, como a palavra nos Círculos de Cultura — viva, presente, potente. Que continuem a tecer a rede de uma formação que seja, antes de tudo, humana, crítica e libertadora.

Referências:

- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 88ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da mudança*. 51ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2023.
- GATTI, Bernardete Angelina. *Por uma política de formação de professores*. 1º ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.